

Dossiê Comunicações: Teoria Crítica e Educação

APRESENTAÇÃO

Há um crescimento significativo de publicações na área das Ciências Humanas, no Brasil, que se fundamentam teórica e metodologicamente na Teoria Crítica da Sociedade. Apresento algumas informações. Em 2009, a Revista *Artefilosofia*, n. 7, da UFOP, edita o dossiê “Adorno: conceitos, música, atualidade”; em 2011, a Revista *Doxa*, da UNESP-Araraquara, em seu volume 15, n. 2, publica um dossiê sobre “Teoria Crítica”; em 2013, a Revista *Impulso* da Faculdade de Ciências Humanas da UNIMEP publica o dossiê “Teoria Crítica e Tecnologia na Era Digital”, vol. 23, n. 57; em 2014, a Revista *Inter-Ação*, da UFG, publica o dossiê “Teoria Crítica, Psicologia e Educação”, vol. 39, n. 2; em 2015, a Revista *Impulso* da UNIMEP edita o dossiê “Teoria Crítica, Experiência Estética e Literatura”, vol. 25, n. 62; ainda, em 2015, a *Constelaciones: Revista de Teoria Crítica* edita o dossiê “Teoria Crítica de la Sociedad y Educación”, organizado por pesquisadores brasileiros. E, neste segundo semestre de 2015, a Revista *Comunicações do PPGE/UNIMEP*, publica o dossiê “Teoria Crítica e Educação”. Não estamos contabilizando artigos de demanda contínua, livros e capítulos de livros editados nos últimos cinco anos em nosso país, com base na Teoria Crítica da Sociedade.

Essa constatação objetiva de crescimento em publicações científicas nos atestam que aumentaram do mesmo modo o número de pesquisadores e de Grupos de Pesquisas, GPs, que dialogam com a Teoria Crítica da Sociedade em suas investigações científicas. Em pesquisa realizada em 2013, com base no Censo de 2010 de Grupos de Pesquisas consolidados no Diretório do CNPq, constatou-se que 12 grupos na área da Filosofia e 19 na área da Educação trabalhavam explicitamente com a Teoria Crítica da Sociedade, versão Escola de Frankfurt. Constatou-se ainda que eram 54 as Linhas de Pesquisa vinculadas à teoria frankfurtiana e constitutivas dos 31 Grupos de Pesquisa; e cerca de 90 doutores pesquisadores que desenvolviam suas atividades de produção científica e de orientação a graduandos, mestrandos e doutorandos no contexto desses GPs, pois a grande maioria desses doutores pesquisadores estava vinculada a Programas de Pós-Graduação em Educação ou em Filosofia (PUCCI, 2013).

Esse conjunto de dados e informações atesta que os conceitos frankfurtianos criados pela primeira geração dos pensadores da Escola de Frankfurt, no confronto com os

problemas socioculturais europeus dos anos 1930 em diante, tensionados, no exílio, pela experiência do desenvolvimento tecnológico norte americano, se tornaram frutíferos e produtivos na análise de questões educacionais e culturais de nosso país em pleno século XXI. E ganharam vida e roupa nova em nossas plagas. É o que percebemos, por exemplo, quando pesquisadores de diferentes regiões brasileiras se utilizam dos conceitos de indústria cultural e de semiformação para tentar entender a influência das novelas da TV Globo na (de)formação do modo de pensar e de agir dos assíduos espectadores; ou quando se utilizam dos conceitos de experiência e vivência para lidar com as novas tecnologias que ocupam o tempo todo as mãos e as mentes dos indivíduos em seu processo de aprendizagem acadêmico-científica (PUCCI, 2015).

O “Dossiê Comunicações: Teoria Crítica e Educação” se espelha na direção acima esboçada. São 12 artigos científicos, provindos de doutores pesquisadores de quatro estados brasileiros, que, fundamentados nos conceitos frankfurtianos de Theodor Adorno e Max Horkheimer, se propõem a analisar criticamente problemas educacionais que desafiam nossa atuação na academia e na escola, em tempos de tecnologias digitais. São eles: educação contra o conformismo político; a educação em confronto com o preconceito e com a violência; os paradoxos da arte na configuração de um sujeito emancipado; a tensão entre o docente e a indústria cultural na educação infantil pela arte; crítica à frieza burguesa para com as crianças; as políticas públicas sobre as TICs e o ensino público fundamental; limites e possibilidades das TICs na formação de professores; reflexões sobre “ser professor” na Educação a Distância; autonomia do professor na docência administrada; bases para a reflexão sobre a formação docente em saúde; da instrumentalização à emancipação em política e gestão educacional; um olhar crítico para a teoria dos ciclos de aprendizagem de Perrenoud. O dossiê é complementado pela resenha sobre o livro *Teoria Crítica da Cultura Digital: aspectos educacionais e psicológicos*, organizado por Ari Fernando Maia, Antônio Álvaro Soares Zuin e Luiz Antônio Calmon Nabuco Lastória, e publicado em 2015 pela Nankin Editorial, com apoio da CAPES, como o segundo livro da Coleção Teoria Crítica.

Bruno Pucci
Piracicaba, setembro de 2015.